HISTORIA DE JESUS

GOMES LEAL

HISTORIA DE JESUS

PARA

AS CREANCINHAS LEREM

LISBOA

8 a 20, Rua Oriental do Passeio

1883

Meus caros editores:

São os poetas os que mais se têem occupado das creanças. O problema da Educação hoje, se não é o mais urgente, como é o financeiro, é, de certo, o mais moral. O seculo XIX através das suas torpezas, catastrophes, e crimes, prosegue sempre lucidamente na intenção fixa de deixar uma grande herança de sciencia aos seus herdeiros. Dir-se-hia um grande bandido, que pretende salvar os seus filhos, através de um incendio. Se as bençãos da posteridade podem cahir sobre um seculo, muitas devem, de certo, cahr sobre a fronte d'este scelerado, porque em nenhum bateu, como n'elle, um largo coração de pae! Ora, de todas as historias que se podem contar ás creanças para lhes formar o coração e as pequeninas almas virgens, qual póde ser mais propria, e mais poetica, do que a de Jesus? Todos os contos de Perrault, todas as maximas moraes,

todos os apologos dos fabulistas, todas as lendas floridas das fadas, podem servir acaso mais felizmente para a orientação moral das creanças, póde alguma ser mais maravilhosa do que a historia d'esse simples poeta da Galiléa, que vivia no meio da Natureza e das almas virgens, ensinando a encher as redes aos pescadores, conversando com as Samaritanas, convertendo os Publicanos, consolando os doentes?

Esta historia vale, de certo, mais para a imaginação infantil do que a do proprio Aladin com a sua lampada magica, e os seus jardins com arvores de fructos de esmeraldas e carbunculos. Os deuses de todas as velhas theogonias, á excepção do Krishna da India, apparecem logo nas liturgias primitivas guerreiros, conquistadores, violentos, symbolizando as forças da natureza; —mas logo no uso do seu poder, da sua força, da sua majestade,

Jesus apparece-nos com toda a poesia florida da infancia! É portanto um deus meigo, humano, piedoso, que as creanças amam logo no collo das mães, e que lhes ensinará a Piedade, a Justiça, a Honestidade. Mais tarde, se deixarem de ser uns mysticos, e penetrarem mais na humanidade: se abandonarem as crenças da infancia, continuarão a respeital-o sempre como um integro caracter immaculado, e um moralista.

De facto os livres pensadores dizem que elle foi um justo; os philosophos que foi um moralista; a Igreja que foi um deus; mas todos concordam unanimemente que foi uma grande entidade poetica, e um alto e heroico caracter. Ora os exemplos dos caracteres honestos não abundam.

Que historia pois mais florida, mais ideal, mais infantil, do que a historia de um deus, que brincou com as creanças? Ensinem-lhes

a taboada; — mas dêem-lhes tambem á alma a poesia, a moral, a imaginação!

É por isso que me lembrei de escrever a historia de Jesus, para as creancinhas lerem. Poderia ter resumido tambem a lettra dos outros evangelhos não sanccionados, onde vem muitos episodios da infancia de Jesus: mas conservei apenas a tradição dos quatro Evangelistas, para que não possam ter escrupulo as almas mysticas, nem as mães piedosas.

Os diplomatas intrigam: as consciencias calculam: os costumes depravam-se.

Tratemos, pois, de educar as creanças.

Creiam-me todo seu do coração

Gomes Leal.

J. G. Guedes

ÁS MAES

Ó suaves mulheres! que ides cantando
atravez das seáras, e das vinhas,
vinde ouvir uma historia, em verso brando,
—que hei de ensinar a ler ás andorinhas.

É uma historia florida como as rosas!
Quero contal-a aos vossos cherubins,
pelo luar,—ás horas religiosas,
quando os cravos concebem, e os jasmins.

Quero falar de um ente extraordinario,
tragico, meigo, mystico, suave,
de um leão que morreu sobre um Calvario,
—e que deixou um testamento de ave.

Vinde escutar-lhe a historia em Galilea,
seu suor, sua morte, e seu lençol,
e quando electrizava a vil Judéa,
com seus olhos brilhantes como o sol.

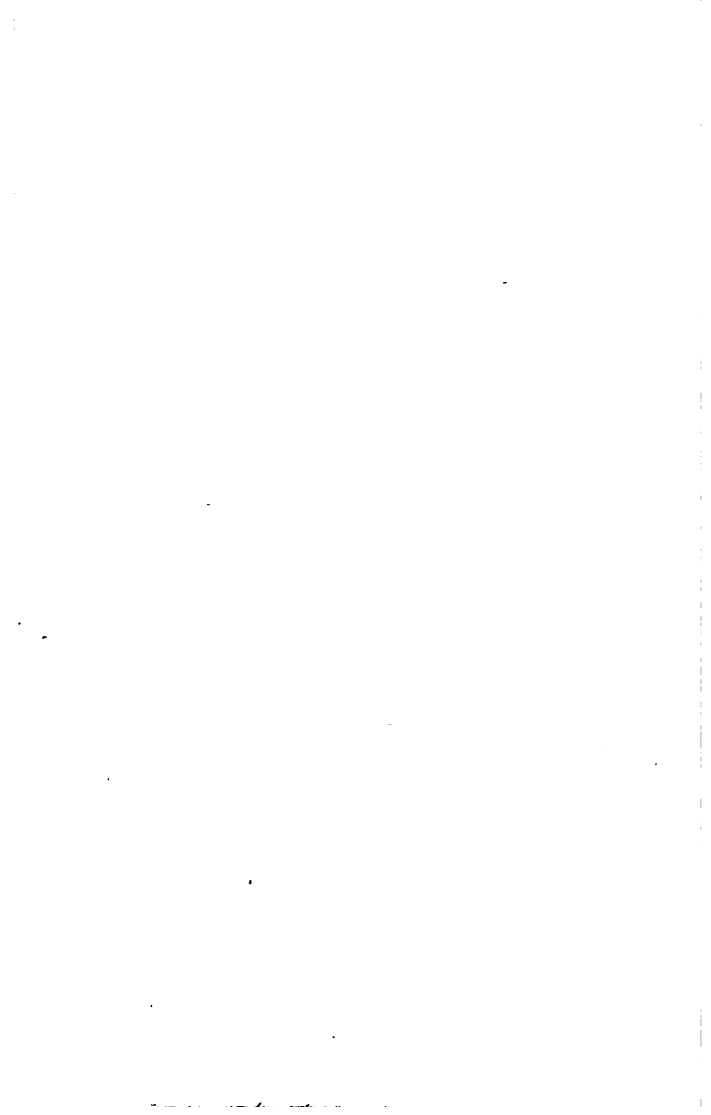
Desoladas mulheres que ides chorando
os maridos que vão para os degredos,
por alta lua, os filhos embalando,
com cantigas que fendem os rochedos!...

vinde buscar a cura à vossos males,
na narração das lagrimas, das dôres,
do que andava nos rios e nos valles,
com os simples, os chãos, os pescadores!

Vinde ouvir como andava largos dias,
nos lagos, e bahias prazenteiras,
e electrizava as almas das judias,
sob os seus véos, debaixo das palmeiras.

Vinde escutar as lastimas extranhas
das filhas de Sião de longas tranças,
como elle amava os lagos, as montanhas,
as pombas, os doentes, as creanças!

Vinde escutar seus prantos nos abrolhos,
nas montanhas seu verbo ás multidões,
e, a expulsar dos demonios as legiões,
a forte luz terrivel de seus olhos.

Ó suaves mulheres! que estais cantando
ao pôr do sol, á porta, ás creancinhas,
vinde ouvir uma historia, em verso brando,
— que hei de ensinar a ler ás andorinhas.

PREFACIO

Ó pombas! que andais voando
  sobre as nuvens, e ás bandeiras,
  regatos! que ides regando
  os verdes pés das roseiras,

Evangelistas da Egreja!
  nos vossos nichos sósinhos,
  em cujas Biblias adeja
  o vôo dos passarinhos,

ó creanças pequeninas!
  com olhos cheios de luz,
  romanzeiras purpurinas,
  como as chagas de Jesus!

Madonas de olhos profundos!
como céos espirituaes,
ou como dois vastos mundos,
para chorar os mortaes,

Estrellas! celeste côro!
que andais rolando nos céos,
como grandes rodas de ouro
do antigo carro de Deus,

ouvi a historia sem pár,
que eu rimei ás creancinhas,
e hei de fazer decorar
aos lirios e ás andorinhas.

Vinde vós tambem, profanos!...
Silencio: — que ouço as legiões,
turbas, soldados romanos,
e á frente os centuriões.

Lá veem as lanças guerreiras
as turbas roucas, a Mãe!
Cahi, palmas das figueiras!
no chão de Jerusalem.

Populaça da Judéa!
constroe, bem alta, uma cruz.
Chorai, violetas da aldeia!
pela morte de Jesus.

A VIRGEM DE GALILÉA

Era uma vez uma Virgem
em Nazareth, branca aldeia,
que tinha um noivo, da origem
dos velhos reis da Judéa.

Á porta do seu casal
crescia a flor do espinheiro,
como um emblema primeiro
do diadema real.

De rastos, seus pés beijavam
as plantas, como ás Rainhas.
No seu telhado adejavam
as azas das andorinhas.

Consolar a alheia magoa
ninguem sabia tão bem!
Era mais pura que a agua
da cisterna de Bethlem.

Havia anceios contidos,
como vozes de quem roga,
quando ía, de olhos descidos,
ao sabbado, á synagoga!

Vinham as pombas, em bando,
sobre as suas mãos pousar,
quando fiava, cantando,
sentada, á porta do lar.

Diziá a branca açucena,
para a flor do rosmaninho:
— Que casta virgem morena
toda vestida de linho! (1)

O mar que se ri da sonda
dizia com tom extranho:
— Quem me déra uma só onda
do seu cabello castanho!

Toda a tarde, um rouxinol
cantava á flor do espinheiro:
— Que lindo rosto trigueiro!
— Que cantos cheios de sol!

Os marinheiros as barcas
paravam, como em delirio.
Era o mais mystico lirio
do bordão dos Patriarchas!

Ora, uma vez que fiava,
cantando ao pé do espinheiro,
á porta do lar pousava
um singular mensageiro.

Voavam pombas nos cumes.
O sol descia á ladeira.
No ar boiavam perfumes
mysticos de larangeira.

O rosto do mensageiro,
placido, resplendecente,
brilhava como um guerreiro,
ou como o sol no Oriente.

Então, com voz grave, cheia
de uma ineffavel poesia,
á Virgem de Galiléa
saudou-a: «Avè Maria!

Ave, ó lirio impolluto!
cheia de graça ante os Céos.
Bento no ventre é o fructo.
Comvosco é o Senhor Deus!»

Mas ella, com humildade,
como a rasteirinha herva:
—«Faça-se a vossa vontade,
Senhor! — eis a vossa serva.»

Então, as rolas voaram.
Deu graças o Oceano vario.
—Mas, sobre as hastes, choraram
as violetas do Calvario.

NO PRESEPIO

N'aquelles dias, então,
—por decreto imperial—
sahiu um censo geral
a toda a Tribu ou Nação.

Cesar Augusto era o genio
de Roma — da Scythia á Illyria —
Era então tambem Cyrenio
o presidente da Syria.

Longas estradas de alem,
José, mais a noiva amada,
caminharam de jornada
para as terras de Bethlem.

José, o noivo real,
tivera seu berço alli.
— Era o seu paiz natal!
— Eram campos de David!

De regia ascendencia nobre,
José, apesar de herdeiro,
era um simples carpinteiro,
sereno, tranquillo, e pobre.

Sabia vestir os nus,
soccorrer a Fome crua,
e aos olhos da noiva, á lua,
mandar supplicas de luz.

Sabia ao seu bem amado
mandar seus ais, seus martyrios,
na hora em que do azul sagrado
parece que caem lirios!

Ora, eram vindos os dias,
segundo os signos dos céos,
e as lettras das Prophecias,
—que nascia um filho a Deus.

Mas este filho real
  não foi nos céos embalado,
  não teve ouro, nem brocado,
  nem teve régio enxoval!

As nuvens não o enfaixaram
  nos seus mantos de setim!
  Nem estrellas lhe cantaram,
  junto ao berço de marfim!

Não lhe mandou Deus enfeite
  em uma salva dourada.
  —Teve as perolas do leite,
  — e o orvalho da madrugada!

Não lhe cantaram cantigas
  os soes, para o adormecer.
  —Teve o ouro das espigas,
  — e os rubins do amanhecer!

Não se ergueu do seu assento
  Deus a beijal-o na face!
  —Teve a luz do sol que nasce,
  — e as ladainhas do vento!

Não lhe coseram neblinas
os seus nevados lençóes!
Nem bordaram roupas finas,
com aureas firmas, os soes!

Não lhe offertaram toalhas
princeza, ou rainha loura!
— Por enxoval — teve as palhas.
— Por berço — uma mangedoura.

Só, de manhã, o saudaram
as andorinhas no ninho!
Só as violetas o olharam,
mais a flôr do rosmaninho!

Não lhe fez festas o Eterno,
ao collo de uma Rainha.
— Só teve o bafo materno
da vacca, e da jumentinha!

E o Rei da Morte e da Dôr,
sem ter archeiros reaes,
só leu cortejos de amor
— nos olhos dos animaes!

OS PASTORES

Guardavam certos pastores
seus rebanhos, ao relento,
sobre os céos consoladores
pondo à vista e o pensamento.

Quando viram que descia,
cheio de gloria fulgente,
um anjo do céo do Oriente,
que era mais claro que o dia!

Jamais os cegára assim
luz do meio dia, ou manhã.
Dir-se-hia o audaz Seraphim,
que, um dia, venceu Satan.

Cheios de assombro e terror,
rolaram na herva rasteira.
—Mas elle, com voz fagueira
lhes diz, com suave amor:

Erguei-vos, simples, d'ahi,
humildes peitos da aldeia!
Nasceu o vosso Rabbí,
que é Christo—na Galiléa!

N'um berço, o filho real,
não o vereis reclinado:
Vêl-o-heis pobre e enfaixado,
sobre as palhas de um curral!

Segui dos astros a esteira.
Levai pombas, ramos, palmas,
ao que traz uma joeira
das estrellas e das almas!—

Foi-se o anjo: e nas neblinas,
então, celestes legiões,
soltam mysticas canções,
sobre violas divinas.

Erguem-se, emfim, os pastôres,
e vão caminhos d'além,
com palmas, rolas, e flôres,
cordeiros, até Bethlém.

E exclamavam, indo a andar:
—«Vamos ver o Vinhateiro!
ver o que sabe lavrar
nas nuvens: — ver o Ceifeiro!

«Vamos beijar os pes nus
do que semeia nos céos!
Ver esse pastor, que é Deus,
— e traz cajado de luz!»

Chegando ao presepio, emfim,
caem, de rojo, os pastôres,
vendo o herdeiro d'Elohim,
que veste os lirios e as flores.

Dão-lhe pombas gloriosas,
meigos, tenros animães:
—Mas, vendo coisas radiosas,
casos vindouros, fatães...

abria o deus das creanças
uns olhos profundos, graves,
no meio das pombas mansas:
— nas palpitações das aves!..

OS REIS MAGOS

Nas torres, olhando os astros,
que viajam pelos céos,
os Reis Magos viram rastros
do avatar de um grande Deus.

Leram em livros profundos,
que a Chaldéa e a Assyria teem,
que estava a descer dos mundos
um deus a Jerusalem.

Cheios de assombro, á janella,
mudos ficam os seus labios!
De pé, olhando uma estrella,
velam noites os reis sabios.

Não querem mais alimento,
nem com rainhas dormir!
Não tomam no throno assento!
Não mais volvem a sorrir!

Sómente olham, sem cessar,
a branca estrella brilhante,
como o sceptro dominante
do rei que vai a reinar!

Abraçam a esposa amada.
Dão as chaves aos herdeiros.
Mandam vir seus escudeiros,
os seus bordões de jornada.

Despejam os seus erarios,
cheios de alvoroço immenso.
Carregam seus dromedarios
d'ouro, de myrrha, e de incenso.

Passam rios e cidades
cheias de estatuas guerreiras,
palacios, campos, herdades,
cisternas sob as palmeiras.

Seguem a luz do astro bello,
que as estradas lhes clareia,
até chegar ao castello
do rei que reina em Judéa.

Chegados ao rei cruel,
que de Herodes nome tem,
bradam: «O Rei d'Israel
nasceu em Jerusalem?..»

Fica assombrado o Tetrarcha.
Diz-lhes tal nova ignorar.
—Mas, em nome da Santa Arca!
voltai, reis, ao meu solar!»

Seus olhos ficam sombrios:
Vê perdido o seu thesouro,
soldados, terras, navios
da Judéa o sceptro de ouro!

Tomam os reis seus bordões.
Levantam as suas tendas.
Carregam suas off'rendas.
Demandam novas regiões.

Passam rios e cidades,
cheias de estatuas guerreiras,
palacios, campos, herdades,
cisternas sob as palmeiras.

Passam collinas, rebanhos,
campos de louras searas,
quando a lua faz desenhos
no chão das estradas claras.

Passam o quente areal,
que a palmeira não conforta.
Eis que a estrella pára á porta
de um decrepito curral.

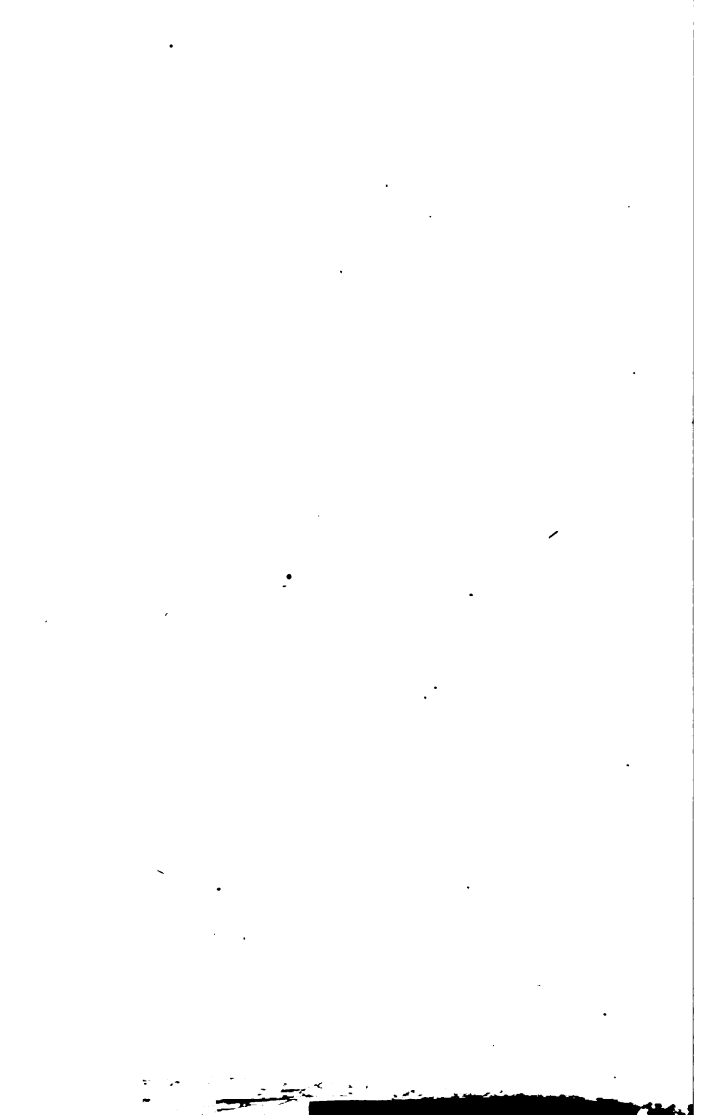
Descem dos seus dromedarios,
cheios de pó, os reis sabios.
Descarregam seus erarios.
—Mas estão mudos seus labios.

Rojam as barbas nevadas
sobre o deus que adormecêra,
com as mãosinhas rosadas
da Mãe nos seios de cêra.

Seus olhos sentem assombros,
e nadam cheios de chôro.
—Rasgam seus mantos dos hombros.
—Dão-lhe myrrha, incenso, e ouro.

Esquecem sua nação,
mais seus carros de batalha.
—Seus sceptros rolam na palha!
—seus diademas no chão!

E erguendo os seus olhos graves,
—perguntam então,—olhando
as pombas voando, em bando,
os aldeões, mais as aves:

«É este o rei dos senhores?
Taboa da lei das rainhas?
Por archeiros—tem pastores.
Por pagens—as andorinhas.»

FUGIDA PARA O EGYPTO

José, dormindo em seu leito,
sonha que vê de repente
baixar um varão perfeito,
d'uma expressão imponente.

Em sonhos, o mensageiro
lhe bradou «O rei maldito
da Judea busca o herdeiro
dos céos. Vai pois ao Egypto!

«Ergue-te, e vai, que eu irei
mais teu bordão de jornada,
té que a Morte selle o rei
na sua tumba lavrada!»

Ergueu-se José. Desperta
a Mãe abraçada ao filho,
como uma violeta aberta
a uma haste de junquilho.

Erguem-se cheios d'assombros
e, sob os céos condoidos,
—mantos mal presos nos hombros.—
fogem, como uns reis banidos.

Como sentinella cauta,
vela o archanjo as deanteiras.
Geme o vento como flauta
chorosa pelas figueiras.

Passam rochedos e montes,
sob os astros diamantinos.
Na agua corrente das fontes
cuidam ouvir assassinos.

Rasgam seu manto as piteiras.
O terror gela seus ossos.
Como velhas chocalheiras,
fazem barulho os tremoços.

A virgem vai toda em pranto,
sob os estrellados céos,
entre as dobras do seu manto,
levando o fugido Deus.

Ai! quantas vezes Judá,
toda em choros, sob o açoite,
não levou tambem Jehovah,
para os desterros, de noite!

Ah! que vezes, prisioneiros,
por desertos areaes,
não levaram seus guerreiros,
outrora, o Deus de seus paes!

HERODES

Herodes sobre o seu throno
espera os Magos em vão.
Busca a treva e a solidão.
Do leito foge-lhe o somno.

Cançado emfim de aguardar,
cheio de hostis desenganos,
creanças até dous annos
manda aos verdugos matar.

Que brados Jerusalem
não ergueste até Jehovah!
Que choros vão em Bethlem!
Que gritos vão em Ramá!

Ah! prophecia cruel
então vieste a lembrar:
«Seus filhos chora Rachel,
e não se quer consolar!»

A INFANCIA DE JESUS

Assim que Herodes morreu,
voltam logo á Galiléa.
Regressam á sua aldeia,
ao seu pomar, ao seu céo.

Alli, nas horas divinas,
quando cantam as ceifeiras,
Jesus trepava ás collinas,
corria, á lua, nas eiras!

Vagava, sob as estrellas,
cantando entre os pescadores,
em barcas de brancas velas,
quando a amendoeira tem flôres!

Trepava ás negras amoras,
desatava os nós das barcas,
e escutava, horas e horas,
as vidas dos Patriarchas.

Mas, ai! que vezes, vagando
longe dos campos, das casas,
deram com elle, chorando,
—vendo as viagens das azas!

ENTRE OS DOUTORES DA LEI

Chegada a festa chamada
da Paschoa, parte tambem,
como os mais, toda a sagrada
familia a Jerusalem.

Passam o rio Cedron.
Vêem o solar brilhante
de Herodes, o val de Hennon,
e mais o templo gigante.

Mas, no regresso, ao voltar
aos campos cheios de luz
da sua aldeia, ao seu lar,
em balde buscam Jesus.

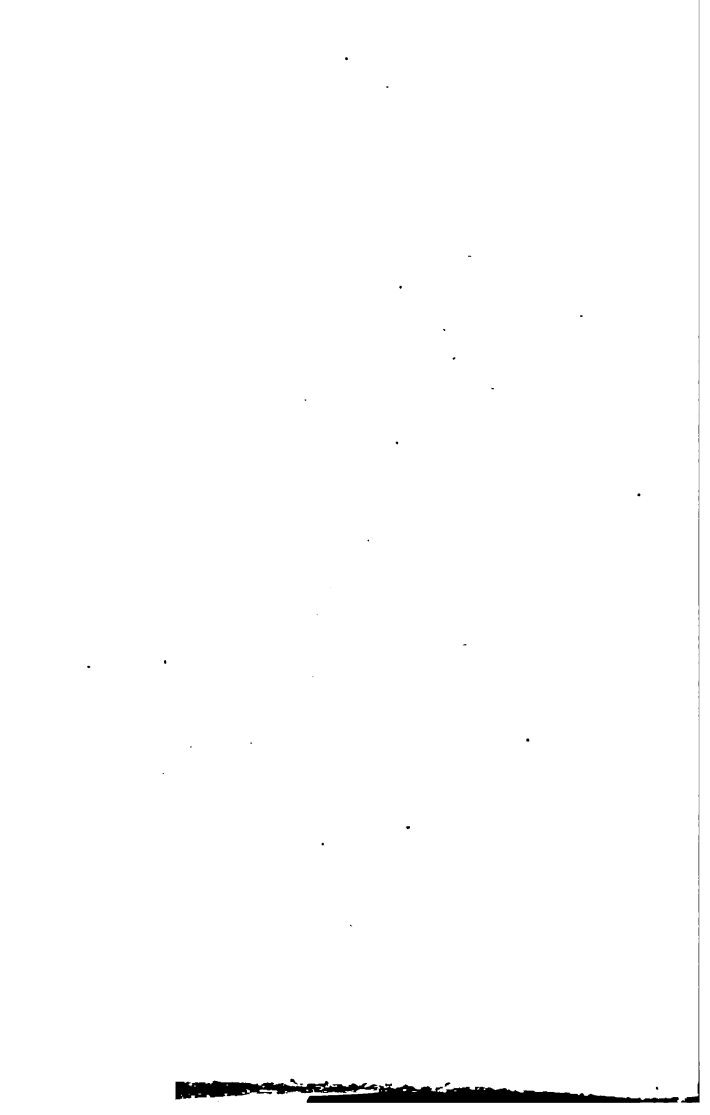
Chama-o a Mãe entre o povo,
dois dias, de magua chêa.
Ao terceiro, entram de novo
na capital da Judéa.

Mas mudos ficam seus labios,
vendo-o no templo do rei
Salomão, vencendo os sabios,
citando textos da Lei.

Cravando sobre as alturas
seus olhos serios e virgens
explicava as Escripturas,
a Terra, os Céos, as Origens!

Citava textos profundos
vagos, obscuros, incertos.
Viam-se brilhar os Mundos,
e os Soes — nos olhos abertos.

Magros Doutores, cheios d'annos,
erguiam olhos aos céos.
— Paravam os Publicanos.
— Pasmavam os Phariseus.

— Mas elles, — os Paes — gostôsos,
a taes coisas nunca ouvîdas,
na sombra, silenciôsos,
choravam, ás escondîdas.

AS BODAS DE CHANAAN

Faltando o vinho nas bôdas
de Chanaan, e vendo a mágua
do noivo, ante as gentes tôdas,
transformou em vinho a água.

Mas, mais tarde, feito rei
dos Judeus, na Ceia, exangue,
dando vinho aos seus — «bebei!
lhes brada — que é o meu sangue!»

O BAPTISTA

Sendo imperador romano
o torpe Cesar Tiberio,
no decimo quinto anno
do seu tyrannico imperio,

Pilatos, seu velho amigo,
então regendo a Judea,
e Herodes, filho do antigo,
reinando na Galilea,

houve um homem no deserto,
que os povos chamavam *Mestre,*
de lã de cabra coberto,
vivendo de mel silvestre,

que prégava aos penitentes
jejuns, pureza, oração,
baptizando a Plebe e as gentes,
em pé, no rio Jordão.

Ora este homem, cuja vista
fascinava a Plebe inquieta,
era o precursor Baptista,
— era o ultimo Propheta.

Era primo do Messias.
Era João o seu nome.
Tinha o dom das prophecias,
faces cavadas de fome.

E prégava assim ás gentes:
— «Monstros! filhos da Mentira!
Ó geração de serpentes!
porque é que fugis da Ira?

«Em breve vereis chegar,
esse de quem eu — ingratos!
nem mereço desatar
o atilho de seus sapatos!

« De que vos serve e vos medra
dos Justos ser geração?
Deus póde até d'uma pedra
levantar filhos a Abrahão!

« Em breve — poços immundos!
vereis surgir sobre a eira
quem traz na mão a joeira
com que elle joeira os mundos ».

— « Mestre! o que farei, pois, bem? »
gritava-lhe o legionario.
Mas elle: «pratica o bem.!
Vive só do teu salario! »

— « Rabbi! que farei? » com susto
diz de rojo o Publicano,
— « Não sejas vil deshumano!
Cobra só o que for justo! »

— « Qual a lei que mais approvas
Rabbi? » diz-lhe o Escriba, em summa.
— «Tens duas tunicas novas?..
Vai — e dá de esmola uma. »

Assim prégava. Anciãos,
Escribas, povo aos magotes,
vinham vel-o, erguendo as mãos.
— Ouviam-n'o os Sacerdotes.

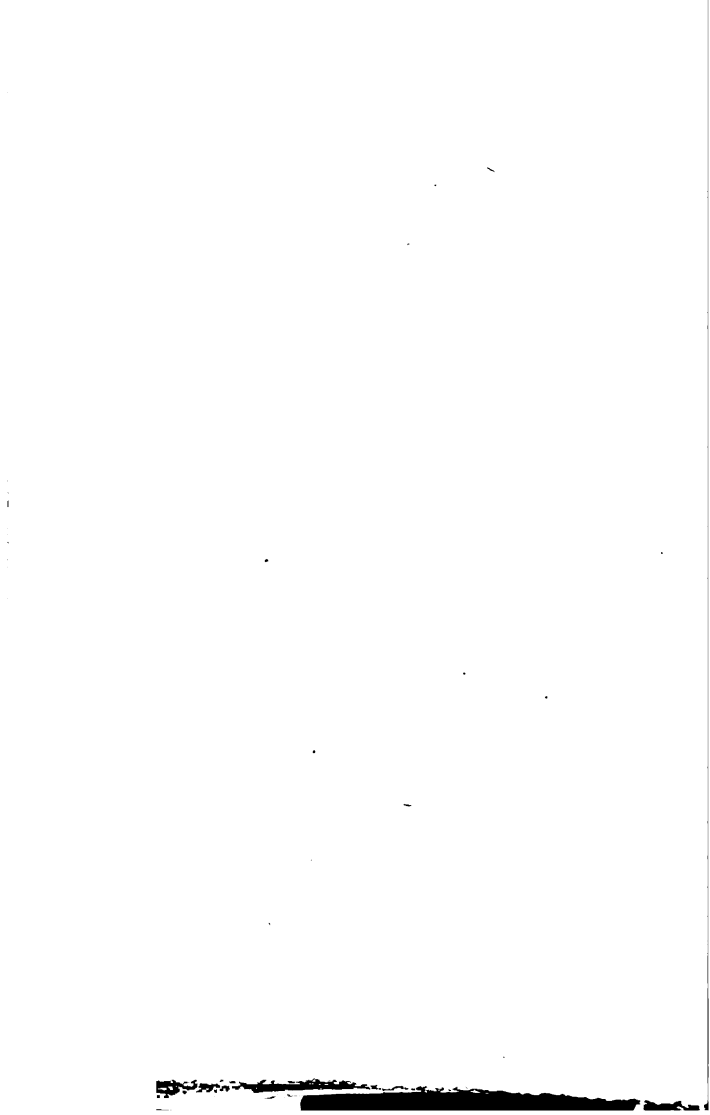
Baptizavam-se contritos,
mulheres, creanças, e velhos,
Vinham beijar-lhe os afflictos
as sandalias, de joelhos.

— Mas, emquanto aos pés choravam
os povos, como uns pupillos,
pelas estrellas erravam
seus tristes olhos tranquillos.

O BAPTISMO DE JESUS

N'aquelles tempos então,
de Herodes sob o reinado,
a fim de ser baptizado
Jesus se foi ao Jordão.

Após o baptismo, arfando
dos altos, mysticos céos,
viu-se uma pomba adejando
sobre o sério e virgem Deus.

Então seus olhos radiaram
felizes, nos céos abertos.
—Mas logo tristes, choraram
sobre as Cruzes, e os Desertos.—

A TENTAÇÃO NO DESERTO

N'um deserto mysterioso,
orando Jesus, em paz,
foi n'um rochedo anguloso
tentado por Satanaz.

Quarenta dias orava,
dos jejuns soffrendo o açoite.
No abysmo as horas contava
Satan, Principe da Noite.

Os grandes olhos nocturnos
do azul sombrio e calado
davam clarões taciturnos
ao perfil do Fulminado.

Lia-se em todo o seu rosto
de Tristeza sem remedio
não sei que occulto desgosto,
feito de Desdem e Tedio.

Sobre a rocha culminante,
cerrou as azas e o olhar,
como um abutre gigante,
que já não póde voar.

E a Jesus, n'um riso mixto,
feito de Orgulho, e Irrisão,
clamou: «Se acaso és o Christo,
faze d'estas lagens pão!»

Como risadas contidas,
as notas da Voz extranha,
reboaram repetidas
pela sinistra montanha.

Mas Christo, olhando o infinito,
onde mil astros se somem,
tornou: «Satan, está escripto:
—«Nem só de pão vive o Homem!»

Então, Satan, sobre o cume
mais alto, escuro, profundo,
mostrou-lhe quanto resume
vãs pompas, reinos do mundo.

E disse: «Dou-te vaidades,
myrrhas da Arabia, e aloés,
chaves de imperios, cidades,
se me cahires aos pés!»

Mas Christo, olhando o infinito
de estrellas, cheio de paz,
tornou: «Satan, está escripto:
—Só teu Deus adorarás!»

Então, levando o Rabbi
do Templo sobre as alturas:
—«Se és Christo, cai do alto, alli,
sobre aquellas lagens duras!

«Porque, se rolares do alto
do templo de Salomão,
não deves ter sobresalto
os Anjos te ampararão!»

Mas Christo, olhando o infinito,
e depois a Satanaz,
tornou: «Satan, está escripto:
—Teu Senhor não tentarás!»

Então, insultando a larga
esphera do azul sem fim,
com uma risada amarga,
cahiu o Maldito emfim.

Mas, ao tombar, com rir fero,
e palavras chocarreiras:
—«Adeus, Rabbi!.. Lá te espero
no jardim das Oliveiras!»

NA GALILÉA

Quando findou seu jejum,
foi prégar á Galiléa,
e nunca Principe algum
teve mais nome em Judéa.

Corriam a vel-o as gentes
de varias terras, paizes.
Seus olhos serios, clementes,
saravam os infelizes.

Prégava coisas dos céos,
Estrellas, Causas, Origens,
sempre seguido dos seus:
—bando de humildes e virgens.

Não tinha veste de lã,
guarida, alforge, ou lençol.
Afugentava a Satãn,
com olhos cheios de sol.

Confundia os vãos Doutores,
mais os Escribas sombrios.
Amava prégar nos rios,
nas barcas dos pescadores.

Ó céos profundos e vagos!
Ó astros de eternos giros!
Ó espelho azul dos lagos!
Almas cheias de suspiros!

Ó tristes tardes magoadas
d'um sol de opala e rubins!
Ó bahias azuladas!
Relvas cheias de jasmins!

Noites! que a corça ao sabor
das nascentes mata a sêde!
Ó tardes! que o pescador,
cantando, concerta a rêde...

vós só, ó coisas graciosas!
podereis dar uma idéa
d'aquellas noites saudosas
que elle andou por Galiléa!

Chegavam as mães, fiando,
á porta, o seu linho fino,
para o ouvirem prégando
coisas de um reino divino.

Destruia á Plebe e ás gentes
os preconceitos erroneos.
Sarava as almas doentes.
Lançava fóra os demonios.

Prophetizava o Porvir.
Amava os montes e o mar.
Nunca ninguem o viu rir,
mas, muitas vezes, chorar!

Os legionarios romanos
bradavam: «Este é um Deus!
Choravam Samaritanos.
Paravam os Phariseus.

Davam-lhe pomos gostosos,
mantos de fino tecido.
Vinham beijar-lhe os leprosos
a ourela do seu vestido.

As judias, com as tranças,
limpavam seus brancos pés.
Davam-lhe myrrha, aloés.
Riam-lhe á porta as creanças.

Mas, com riso chocarreiro,
alguns diziam: «Que idéa
ser Christo, Rei da Judéa,
o filho d'um carpinteiro!

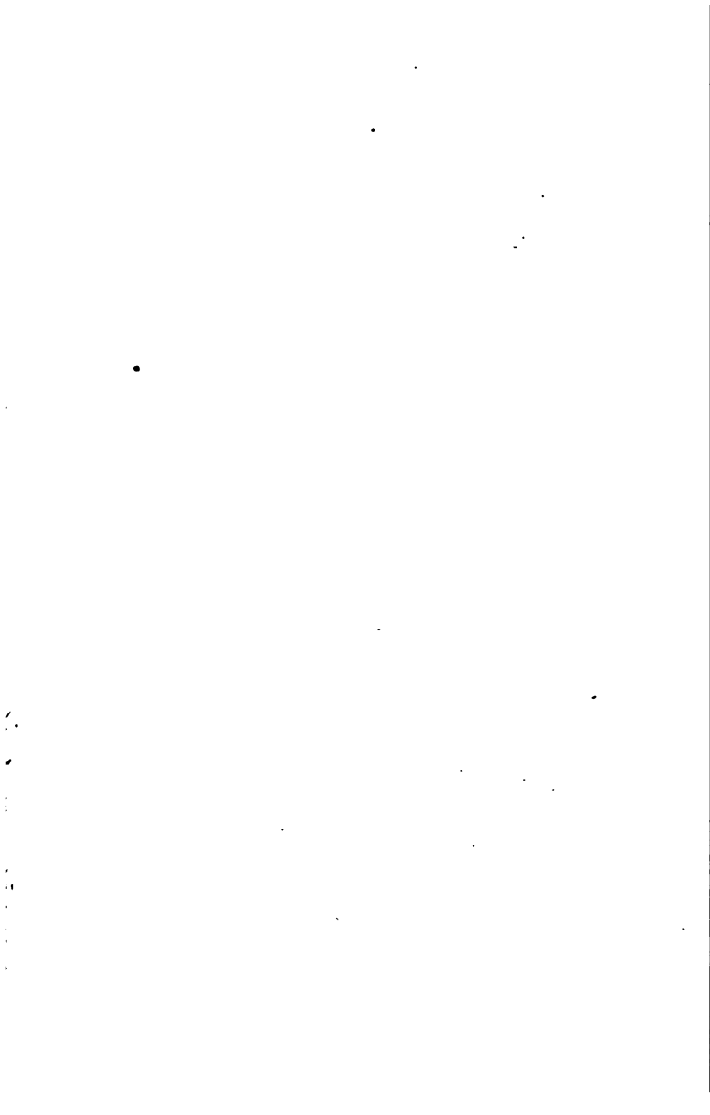
Só anda com Publicanos
e com leprosos, vês tu!
— Outros, com risos profanos,
clamavam: «Tem Belzebuth!»

Mas elle, prégando os Céos,
Estrellas, Causas, Origens,
seguia, avante, entre os seus:
— humildes, tristes, e virgens...

OS APOSTOLOS

Um dia, andando o galileu Simão,
calado e só, a meditar comsigo,
no mar lançando a sua rede, em vão,
O Rabbi chega e diz-lhe: «Vem commigo!»

— «Segue-me» o Mestre diz. «Deixa tambem
teu barco e tudo sobre ás aguas calmas!
Deixa a teu Pae, teu lar, a tua Mãe.
Vem commigo! Far-te-hei pescador d'almas!»

O Rabbi juntou mais, que abandonaram
tambem por elle as redes, mais o bote,
mais um certo tambem que recrutaram,
— um Judas, natural de Karioth. (2)

O RABBI (3)

O Rabbi, com seus tristes olhos sérios,
pelos montes, os rios, as searas,
vai andando, e prégando ideaes mysterios,
novos céos, novas leis mysticas, raras.

E assim préga o Rabbi: — «Andai no mundo
sem alforge, sandalias, nem bordão!
Prégai, e consolai!... Limpai o immundo!
Largai a propria capa a vosso irmão!

«Do valor proprio não façais alardes!...
Saudai o vosso hospede primeiro!
Sède entre lobos candido cordeiro.
Não temais que vos mofem por cobardes!

«Se, acaso, vos baterem n'uma face,
extendei logo a outra após tambem.
Porque antes que este mundo, ou o céo passe,
do bando meu não passará ninguem!

«Não ameis tudo o que fulgura e brilha.
Se acaso um inimigo pelas ruas
vos force a andar com elle quasi a milha:
ide! — e caminhai com elle as duas!

«Dai aos orphãos e aos pobres que não teem
os grãos da vossa eira, ou da colheita.
Que a vossa esquerda nunca saiba o bem
que praticou a vossa mão direita!

Não vos causem receios ou estorvos
cuidados do alimento ou do trajar.
— Nunca apprenderam a ceifar os corvos!
Não sabem tecer lirios, nem fiar!

«Comtudo, em sua tépida estação,
ninguem tem um vestido como o lirio!
nem Mago, nem Tetrarcha, ou Rei assyrio,
nem mesmo, em sua gloria, Salomão.

« Aferrolhai thesouros só de graça
celeste nas divinas regiões.
Pois, na terra, no escuro, vem a traça.
De noite vêem os furtos dos ladrões.

« Em meu nome, e meu Verbo, largareis
vosso lar, vossos Paes, as vossas Mães.
—Perola a cerdos vis nunca deiteis!
—Nunca o que é santo profaneis aos cães!

«Se pleito litigardes, ou questão
com irmão vosso, e fordes para orar,
deixai a vossa offerta ao pé do altar,
e correi a abraçar o vosso irmão!

«Se em qualquer terra, sem mostrarem dó
de vós, vos molestarem os ingratos,
fugi d'ella! deixai-a! e dos sapatos
sacudi, maldizendo-a, á porta, o pó.

«Mas ah! tristes das terras, das cidades!
Mais lhes valêra terem, juro eu,
de Sodoma e Gomorrha as impiedades,
e sobre ellas chover fogo do Céo!»

Assim préga o Rabbi — Eis cai-lhe aos pés
um certo homem da tribu de Levi,
e brada-lhe: «Conheço quem tu és!...
Irei comtigo, e com os teus, Rabbi!»

Mas o Rabbi: «As feras e as raposas
acham covas na terra onde habitar.
Teem seus ninhos, tambem, aves gloriosas!
—Mas eu não tenho pedra, leito, ou lar.»

Outro lhe diz: «Ó Mestre! se te apraz,
deixa, primeiro, que eu abrace os meus!»
—Mas elle: «Nunca chega a ver os céos
quem mette a mão no arado, e olha atraz!»

Diz-lhe um orphão recente e sem confortos:
—«Deixa, Rabbi, ir enterrar meu Pae!
—Mas elle: «Enterrem mortos os seus mortos!—
Tu préga ás almas, e consola.—Vai.»

Assim segue o Rabbi, sempre, entre os seus
discipulos e apostolos da fé,
sem sacco, alforge, nem bordão, a pé,
dizendo coisas mysticas dos céos.

Porém, na sombra, em baixo, os vãos Doutores
ladram aos seus, com ira: «Anda a agitar
os escravos, a plebe, os pescadores.
Deve-o Roma, sem falta, apedrejar!»

Outros dizem: «Recruta Publicanos,
immundos, e leprosos, não vês tu?»
E os Anciãos, com risos de tyrannos,
dizem aos Phariseus: «Tem Belzebuth!»

Mas o Rabbi, nas altas penedias,
em pé, dos céos olhando as amplidões,
extatico:—medita em theogonias,
mysterios, liturgias, religiões.

ENTRADA EM JERUSALEM

Entre as palmas, as glorias, as bandeiras,
sobre um jumento, o Mestre, entra em Sião.
— Deitam-lhe aos pés as palmas das figueiras.
— Extendem-lhe os seus mantos pelo chão.

Hossana! grita a Plebe, alvoroçada.
Hossana! clamam pelas ruas fóra.
— Mas, na cidade antiga e condemnada,
só o Rabbi, silencioso, chora.

AS CREANÇAS

Repelle alguem do Mestre, brutalmente,
os louros cherubins de rostos finos.
— Mas o sabio Rabbi lhes diz, clemente:
« Deixai virem a mim os pequeninos.

« Deixai-os vir a mim. Sou o ceifeiro
que nada perde, e os mundos vem ceifar.
— Feliz de quem como estes é rasteiro
— Ai d'aquelle, cruel, que os molestar ! »

MAGDALENA

Descai o sol nos olivaes do monte.
Colhe o gado o pastor.— Das largas eiras
vêem vindo as filhas de Jacob á fonte,
com seu rhythmico andar, entre as palmeiras.

Um rouxinol suspira n'um loureiro.
— É n'essa hora do occaso meiga, eterna,
em que o sol busca o mar, como um boieiro,
que vem beber á bôcca da cisterna.

Passam Jesus e os seus. — Sião, Ramá,
e as nostalgicas filhas de David
dizem, na sombra, baixo: Quem será
este suave e mystico Rabbi?

Mas o sol cai nos olivaes do monte.
Colhe o gado o pastor.—Das largas eiras
vêem vindo as filhas de Jacob á fonte,
com seu rhythmico andar, entre as palmeiras.

Da Galiléa ao monte do Carmello
as judias, da sombra no mysterio,
dizem, baixo: «Que principe tão bello
parece ser este Rabbi tão serio!

—«Elle é mais louro do que um sol levante,
mais meigo e casto do que mansa ave!
Elle é mais bello do que um Rei distante!
—Quem será, pois, este Rabbi suave?»

Mas o sol cai nos olivaes do monte.
Colhe o gado o pastor.—Das largas eiras
vêem vindo as filhas de Jacob á fonte,
com seu rhythmico andar, entre as palmeiras.

Magdalena, em Bethania, desatando
seu cabello, qual fulgido lençol,
limpa os pés do Rabbi, humilde, olhando,
seus olhos cheios de dominio e sol.

Lança-lhe aos pés um balsamo, correndo,
que Judas diz: do desperdicio o cumulo.
— Mas o Rabbi suave vai dizendo:
«Triste mulher! Ungiu-me para o tumulo!»

O sol descai nos olivaes do monte.
Colhe o gado o pastor.—Das largas eiras
vêem vindo as filhas de Jacob á fonte
com seu rhythmico andar, entre as palmeiras.

O lavrador, na tarde socegada,
dos mysterios scismando sobre a origem,
vai andando, e dizendo, sob a enxada:
— «Quem será o Rabbi pallido e virgem?»

O pescador trigueiro das bahias,
deitando a rêde, diz, olhando o rio:
— «Quando virá o lucido Messias?
— Quem é este Rabbi louro e sombrio?»

O discipulo e apostolo, cavado
dos jejuns, e scismar sobre a doutrina,
vai andando, e dizendo: «O Céo calado
póde crear a encarnação divina?...

« Póde o Verbo ser Carne? O Todo e o Tudo
tornar-se a Parte? um ramo de David!
Ó céo largo! Ó céo triste, bello, e mudo!
quem é pois, quem é pois, nosso Rabbi?»

—Mas Magdalena, n'um amargo chôro,
limpa os pés do Rabbi, cheia d'amor,
com seus longos cabellos feitos de ouro,
e, baixinho, soluça: — « É meu Senhor!»

O sol morreu nos olivaes do monte.
Rompe o virgem luar.—Ás largas eiras
vão-se indo as filhas de Jacob, da fonte,
com seu rhythmico andar, entre as palmeiras.

A MULHER ADULTERA

O Rabbi está no Templo e ensina ás gentes.

Discipulos, em roda, reverentes,
scismam, de olhos no chão, graves, e mudos,
concentrados no Verbo, e nos sisudos
preceitos do Rabbi, que fita os céos.

N'isto, chegam-se a elle os Phariseus,
Escribas, Sacerdotes, Anciãos,
trazendo uma mulher que torce as mãos,
que supplica, soluça, e chora baixo.

E gritam-lhe: «Rabbi! tu que és um facho
de sciencia da Lei, das Escripturas,
que prégas novos céos, coisas futuras,
e mysticas theorias transcendentes,
que prégas como nunca, outr'ora, ás gentes,
o Baptista prégou, junto ao Jordão,
dize-nos isto, ó Mestre! — a tradição,
nossas Leis, mais as lettras de Moysés,
ordenam-nos que a adultera que vês
apedrejada seja, incontinente.
Porém, tu que és um Sabio, és um vidente,
Mestre! que oppões a Lei tão triste e feia?

— Mas o Rabbi, calado, sobre a areia,
tranquillamente, escreve.— Nada diz.

–Tornam elles: «Rabbi! a meretriz,
que o corpo prostitue, pelas tabernas,
ás romanas legiões, sob as lanternas,
ou aos raios da lua macilenta,
não é tão monstruosa e peçonhenta
como a infame mulher que atira á lama
o nome de um esposo, que a proclama
a infamia do seu leito e do seu lar!

«Porém tu, que usas sempre perdoar,
cuja doutrina é feita de clemencia,
que só prégas perdão, dó, paciencia,
Mestre! que oppões a Lei tão justa e feia?»

—Mas o Rabbi, calado, sobre a areia,
tranquillamente, escreve.—Não responde.

—Tornam elles: «Rabbi! aonde, aonde
iremos nós buscar quem desvaneça
nossas duvidas, pois, ou que esclareça
o espirito da Lei e da Doutrina,
quando tu, Mestre! de intuição divina,
nada dizes, contestas, nem oppões?»

Mas o Rabbi, que lê nos corações
d'esses póços de fel e de mentira,
d'esses antros da Gula, Orgulho, e Ira,
e lhes profunda as causas e as origens,
levantando do chão seus olhos virgens,
e tristes, gravemente, assim lhes fala:
—«Seja o primeiro, aqui, a apedrejal-a
quem se ache puro e livre de peccado!»

E de novo, o Rabbi, lento, e calado,
tranquillamente, escreve sobre a areia.

Mas, assim como emigra uma colmeia
de abelhas, pouco a pouco, do cortiço,
demandando outros soes, buscando o viço
de outras rosas debaixo de outros céos,
assim vão desertando os Phariseus,
a dous, e trez, em grupos, em magotes:
os Principes, Escribas, Sacerdotes,
Anciãos, e Pontifices, Doutores.

—«Mulher! onde é que estão teus detractores?
brada o Rabbi, por fim, não vendo alguem.

—«Rabbi! não me condemna mais ninguem!
Nem Escriba, Ancião, nem Phariseu!»

— «Ninguem? diz o Rabbi. Pois bem. Nem eu.»

— «Permitte, pois, que regue com meu pranto
tuas plantas, Rabbi bondoso e santo!
e beije, humilde, a ourela aos teus vestidos.»

—«Mas, mau grado, ó Mulher! os teus gemidos,
que proveito e licção tiras do dia?»

—«Que ninguem deve expôr-se á gemonia
de peccar, por um goso passageiro!»

—«Pois bem. Mas quem dirá ao Povo inteiro
que tu, allucinada, novamente,
não volvas, mais ousada, e impenitente,
a excitar, contra ti, seus alaridos?»

— «Meus soluços, Rabbi! os meus gemidos.»

— «Mas quem dirá á Egreja e aos Phariseus
que não tornas, Mulher! contra teu Deus,
mais rebelde, a peccar, presa do Inferno?»

—«Meu remorso, ó Rabbi! profundo e eterno.»

—« Mas que prova, penhor, ou garantia
dás tu, Mulher! á Lei de que, outro dia,
esquecida d'esta hora attribulada,
não serás, cruelmente, apedrejada,
por outro crime vil, ínfame, e immundo?»

—«O meu tédio e rancor, Rabbi! ao mundo.»

—«Mas quem te deu tão rapida aversão
assim ao Mundo e á Carne?»
—«O teu perdão!»

—«Quem te mudou?»
—«A tua acção tão boa!»

—Vai, pois. Não peques mais. Chora, e perdôa.»

A SAMARITANA

O sol roxeía o céo. — É no poente.

O Rabbi vem andando, lentamente,
mordido da poeira das estradas,
olhando as roxas nuvens desgrenhadas,
meditando na Lei, na paz eterna.

N'isto senta-se ao pé de uma cisterna,
que está junto a Sicar em Samaria,
e eis que chega, á mesma hora, ao fim do dia,
com o rhythmico andar de uma Romana,
uma esbelta mulher Samaritana,
de um biblico perfil firme e trigueiro.

— «Mulher! diz-lhe o Rabbi, ao caminheiro,
que vem de uma jornada amarga e dura,
nada o refresca mais do que a agua pura,
que lhe minora a calma, a sêde, a magua.
Dá-me, pois, de beber, Mulher! d'essa agua,
pois venho quebrantado dos trabalhos
da jornada, entre montes, entre atalhos,
cobertos de urze e de tojal silvestre.»

Mas a Mulher, então, replica ao Mestre:

— «Senhor! como é que tu, que és um hebreu,
não recusas, com uma tal como eu,
que sou uma mulher Samaritana,
de falar e beber da mão profana
a agua que aqui jaz n'esta cisterna?»

— «Eu sou, torna o Rabbi, a agua eterna.
Sou a lympha corrente da Verdade,
que corre, sem cessar da Eternidade,
de uma nascente augusta e inexhaurivel.
Sou a agua da Força, em que, impassivel,
vem beber a Justiça intemerata.
Sou o veio ideal de branca prata,
em que bebem os Céos, os Bons, os Castos...

— «Beberei d'essa agua, até de rastos.
Mas, não tendo tu vaso, como queres
tiral-a da cisterna, onde as mulheres
das terras de Sicar usam tiral-a?»

— «Se tu soubesses quem comtigo fala
pedir-me-hias d'esta agua eterna e forte!»

— «Deixa que eu beba d'ella até á Morte.
Mas, acaso, Senhor! és mais potente,
e maior que Jacob, nosso ascendente,
que a cisterna nos deu, como legado,
e até d'ella bebeu, mais o seu gado,
mais os seus filhos, no calor da sésta?«

— «Quem beber da minha agua não lhe resta
jámais sêde, Mulher, na vida eterna.
Mas quem agua colher d'esta cisterna
voltará a ter sêde, e a beber mais.»

— «Não provaram d'essa agua os nossos Paes.
Mas dá-me d'ella tu, por Jehovah!»

— «Vai. Chama a teu marido. E, após, vem cá.»

— «Eu não tenho marido!»

—«Bem disseste.

Porque cinco maridos já tiveste.

E este, que agora tens, não te pertence.»

— «Oh! por mais que cogite, estude, e pense,

conheço que és Propheta! E as prophecias

falam, todas, na vinda de um Messias,

que almejam nossos Paes, as nossas Mães ...»

— «Mulher! — diz-lhe o Rabbi — aqui o tens.»

OS SAMARITANOS

O vento agita os palmeiraes distantes.

Eis chegam de Sicar os habitantes,
ouvindo que está perto a Vida Eterna,
a buscar o Rabbi, junto á cisterna,
que é perto de Sicar em Samaria.
Vôam pombas no azul, ao fim do dia.
O Rabbi fala a todos, mansamente.

— «Como é que o Rabbi trata com tal gente?
rosnam baixo os que o seguem, aturdidos.
— Não são estes uns homens pervertidos,
uns entes asquerosos, repellentes,
desprezados dos Povos e das Gentes,
alcunhados de immundos pela Lei?»

— «Não são homens sem cultos, e sem rei,
murmuram baixo, torvos, furibundos,
na treva, os Anciãos — estes immundos
e sordidos atheus Samaritanos?
Como é que elle pois fala a taes profanos?
Como é que os ouve, e toca, sem receio?»

— Mas o Rabbi, tranquillo vai no meio,
calado, a pé, o manto sobre os hombros,
sem fazer caso algum dos seus assombros,
tratando bem o vil, e o miseravel,
egual ao Sabio calmo e inquebrantavel,
e ao Sol justo, ao Sol grande, e protector:
— para os quaes são eguaes o sapo e a flor.

A CEIA

É na festa da Paschoa. A ceia é muda.
Os Discipulos, junto ao Mestre forte,
silenciosos, cada um seu rosto estuda.
—Mas o Rabbi está triste até á morte!

Levanta-se o Rabbi. Derrama agua
para lavar aos seus, de rojo, os pés.
Mudos comprehendem bem, cheios de magua,
que é mais que os mais Rabbis—do que Moysés!

Pedro protesta. Mas passiva e muda
fica a mais banda ao pé do Mestre forte.
Silenciosos, cada um seu rosto estuda.
—Mas o Rabbi está triste até á morte!

O Rabbi fala, e diz: — «Andai de rojo,
servindo o cégò, o invalido, o indigente.
Tornai-vos mais rasteiros do que o tojo.
Lavai, como eu, os pés a toda a gente!

«Tomai pão: — recebeis a carne minha.
Tomai vinho: — é meu sangue da Paixão.
A hora mysteriosa se avizinha.
As lettras dos Rabbis não falam vão!»

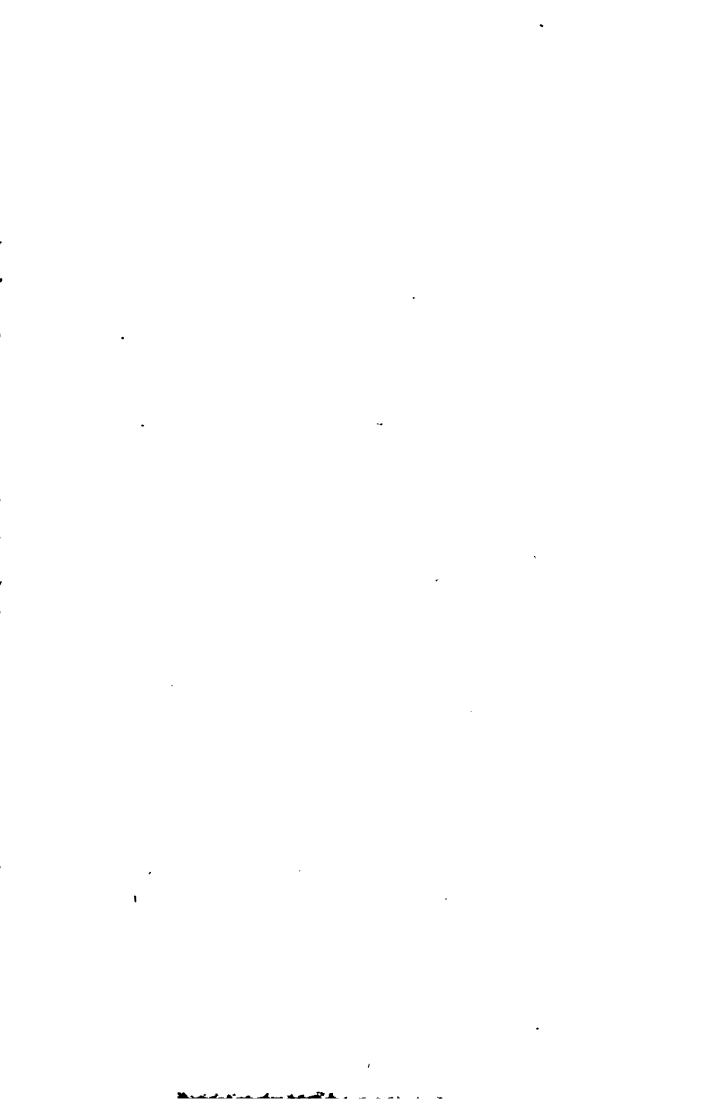
Todos ficam scismando. A ceia é muda.
Os discipulos, junto ao Mestre forte,
silenciosos, cada um seu rosto estuda.
— Mas o Rabbi está triste até á morte!

Continua o Rabbi: — «Breve á agonia
um traidor de entre vós me ha de entregar.
Lêde a Escriptura, diz: «O que comia
commigo o pão, ergueu seu calcanhar.»

Mas Simão Pedro exclama: O Crime e o Vicio
nunca em mim crearão tão torpe idéa.
Rabbi! irei comtigo ao teu supplicio!
Mestre! partilharei tua cadeia!

Mas o Rabbi lhe torna: — «Satanaz
te venceu, e eu te affirmo, com abalo,
que esta noite, Simão! me negarás,
trez vezes antes de cantar o gallo.»

Todos ficam scismando. A ceia é muda.
Os Discipulos, junto ao Mestre forte,
silenciosos, cada um seu rosto estuda.
— Mas o Rabbi está triste até á morte!

É que doe ao Rabbi — mais que a Paixão,
mais que os cravos, escarneos, o açoite,
d'aquelles que mais ama, n'essa noite,
ter de arrostar a cruz da Ingratidão!

NO JARDIM DAS OLIVEIRAS

É alta noite. A lua inunda de alto,
funestamente, as palmas das figueiras.
Dormem, por terra, os Doze, em sobresalto.
— O Rabbi está n'um horto de Oliveiras.

Levanta as mãos ao céo vasto e piedoso.
Vara-lhe o seio tenebroso espinho.
Cáem gottas de sangue precioso
de suor nas violetas do caminho.

O vento solta uns ais como uma Lyra.
Tudo dorme. Só Christo em seu jardim,
sentindo uivar a turba que conspira,
ensanguentado e triste clama assim:

«Pai dos soes, e dos campos estrellados!
não deixes, ó Deus forte e solitario!
no meio d'estes lobos açulados,
subir teu filho a serra do Calvario...

Se te apraz, não consintas seu martyrio
n'esta infame, vendida geração!
Não deixes cahir sangue sobre o Lirio,
nem que elle vase o copo da Paixão!»

Mas debalde elle exora. O seu supplicio
trama-se alem, na escuridão, ao fundo.
Deram-se os braços a Inveja e o Vicio.
Traem n'o todos os que amou no mundo!

Trez vezes acha os seus adormecidos.
Trez vezes os desperta, e volta a orar.
Sòam no horto vozes, alaridos.
Vêem-se lanças, morriões brilhar.

Chega o poder da treva. É um magote
de homens dos Anciãos e de Caiphás.
É um beijo cruel do Karioth,
com a bôcca do mal de Satanaz.

Quem procuraes ? diz, placido e sereno,
O Rabbi á guerreira multidão.
—Tornam elles: Jesus, o Nazareno. »
— « Porque é que me prendeis como um ladrão?

Porque vindes a mim com paus e espada ?»
No templo não préguei todos os dias ? »
Depois, fitando a abobada estrellada:
— «Vamos pois. Completae as Prophecias !»

Pedro, então, saca a espada, e os desbarata.
— Mas o Rabbi lhe diz: Sangue que corre
grita vingança ! Quem com ferro mata,
mais tarde ou cedo, pelo ferro morre !»

« Mestre ! clamam-lhe elles, que castigo
applicar á sevicia, á vil traição ?
Que golpe prostra mais nosso inimigo ? »
— O Rabbi torna, placido: O Perdão.»

Então, caem, d'assombro, as sentinellas,
trez vezes, sobre o chão, mudos os labios:
pois viram ao Rabbi, cheio de estrellas,
— na radiação dos deuses e dos sabios.

EM CASA DE CAIPHÁS

O Pontifice, velho e contumaz,
fita Jesus, que é placido e sereno.
—Não és tu que és Jesus, o Nazareno?
Mas Jesus nada diz ante Caiphás.

Os Anciãos, com olhos mais escuros
e profundos que os poços e que as covas,
citam textos das Leis, das Escripturas:
procuram tramas, arguições, ou provas.

Vem uma testemunha e diz: Rabbi!
Este disse que o Templo destruia,
e em trez dias, depois, de novo, o erguia:
e tudo juro por Jehovah que ouvi!

O Pontifice, velho e contumaz,
brada a Jesus, que é placido e sereno:
— Que replicas a isto, ó Nazareno?
Mas Jesus nada diz ante Caiphás.

O Pontifice então: Eu te conjuro
pelo Deus dos exercitos vivente,
que nos digas se tens como seguro
que és o Christo, do Deus filho potente!

Mas elle então lhe diz: Pelos Mysterios!
eu te affirmo e te juro que sou eu,
que hei de vir, sobre as nuvens d'este céo,
julgar os Reis, as Tribus, os Imperios!...

Caiphás uivou então: Eis manifesto
o seu crime e blasphemia, ó creaturas!
E em grande voz e desmanchado gesto,
de alto a baixo, esfarrapa as vestiduras.

Os soldados, então, dão-lhe punhadas.
Crucificam-n'o em mófas, e irrisões.
Sobre as faces lhe cospem, com risadas.
Dão-lhe com pedras, lanças, e bastões.

Bradam-lhe uns: «Amanhã vaes ao pretorio!
Outros bradam: »Vai lá! Sára os doentes!
Mas o Rabbi, no seu desdem marmóreo,
—placido, scisma em coisas transcendentes.

CRUCIFICAI-O!

É já quasi manhã. No tribunal,
  O Rabbi, sério e grave, entre os maus tratos,
  placido, está de pé, ante Pilatos,
  tendo cingida a purpura real.

Puzeram-lhe um caniço em vez de sceptro,
  de espinhos um diadema, as sentinellas.
  Todo em sangue o Rabbi é um espectro.
  Mas sua alma viaja nas estrellas.

Rugem fóra Anciãos e Phariseus.
  Mas não entram, que é sordido e profano,
  na Paschoa, entrar n'um tribunal romano.
  — Prohibem-lh'o Moysés, Abrahão, e Deus.

Lá em baixo, a Ralé e os Anciãos
para quem o Rabbi foi como um raio,
e um genio de Revolta, erguendo as mãos,
ululam ao Pretor · *Crucificai-o!*

Pilatos diz ao Mestre: «És tu que ouvi
chamar ás multidões rei dos Judeus?
— «Tu o dizes, torna, placido, o Rabbi.
Mas o meu reino é nos calados Céos!

«Não reino sobre o lodo transitorio!
A verdade é dos Céos intemeratos.
— Mas o que é a Verdade? diz Pilatos.
Dizendo tal, sáe fora do Pretorio.

Lá em baixo, a Ralé, os Anciãos,
para quem o Rabbi foi como um raio
e um genio de Revolta, erguendo as mãos,
ululam ao Pretor — *Crucificai-o!*

Então o Pretor diz: «Concedo a vida
Israel! a teu rei, a teu soberano!»
— «É só rei, brada a Plebe enfurecida,
Cesar Tiberio, imperador romano!»

O Pretor mostra á Plebe, ensanguentado,
o Rabbi, — dos espinhos que o consomem,
e amostrando-o assim tragico e açoutado
ante o Povo judeu grita : «*Eis o homem !*

« Herodes não lhe achou nenhum delicto,
torna o Pretor. Portanto, se te apraz,
soltal-o-hei na Paschoa, como é rito. »
— Mas a Plebe clamou : « Não ! Barrabás ! »

— « Barrabás é um livido homicida
sedicioso, bulhento, malfeitor.
Este é vosso Rabbi ! e leva a vida
meditando em seus céos » — volve o Pretor.

Mas, de novo, a Ralé e os Anciãos,
para quem o Rabbi foi como um raio,
e um genio de Revolta, erguendo as mãos,
ululam ao Pretor — *Crucificai-o !*

« Dai-lhe por manto o sangue em borbotões !
Como soldados, os bastões e os paus !
Por archeiros, mandai-lhe dous ladrões !
E por throno, o Calvario e os seus degraus ! »

Então, de fronte calma e socegada,
no meio da anciedade e do clamor,
n'uma taça real, de ouro, lavrada,
—lava as mãos, ante o Publico, o Pretor.

NAS RUAS DE JERUSALEM

Vai passando Jesus, sob o madeiro,
funebre, em sangue, em meio das legiões.
Segue atraz, blasphemando, o povo inteiro,
Simeão Cyreneu, e os dois ladrões.

Sustendo a afflicta Mãe, morta de pena,
desgrenhadas judias vão a pé.
Torcem de dòr os braços Magdalena,
Maria de Cleofas, Salomé.

— « Matronas de Israel! não me choreis
diz, placido, o Rabbi, com debil voz.
Vossos filhos chorai antes, Racheis!
grita por ti, Sião! Chorai por vós!

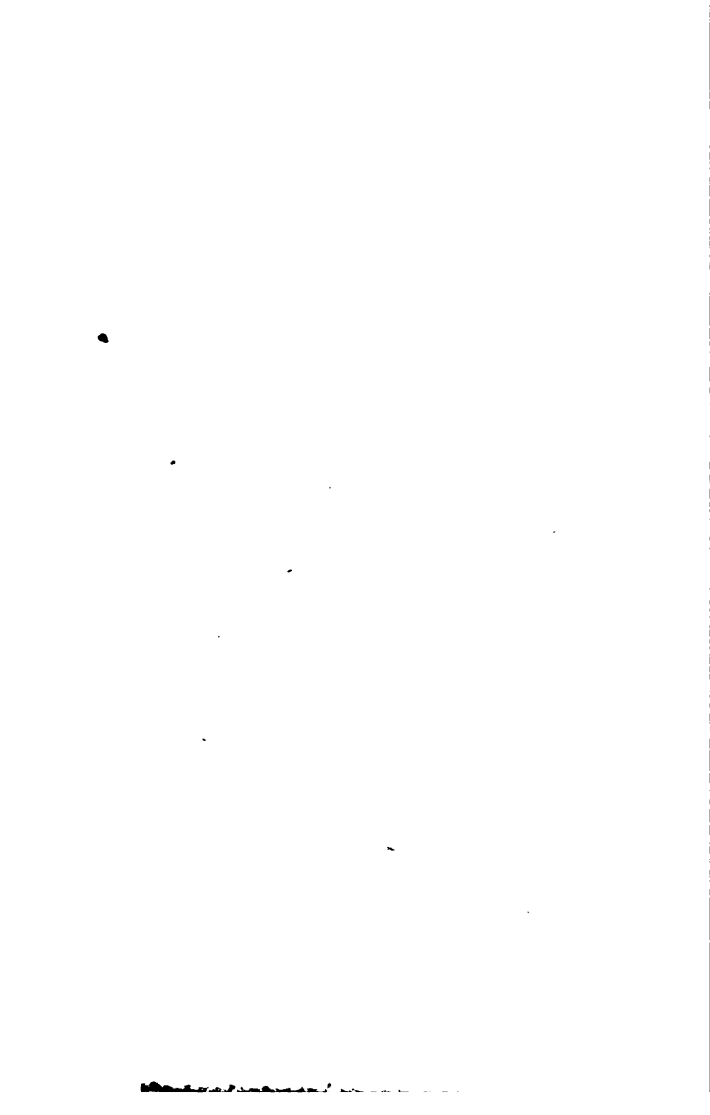
«Vertei por vós as lagrimas profundas,
pois n'estas ruas ouvireis gritar:
« — Felizes as estereis e infecundas!
mais os peitos sem leite que mammar!...

«Chora antes, Ramá, tuas ruinas!
Ó virgens de Israel! chorai por vós,
porque, em breve, direis a estas collinas:
— Cahi, rochas, outeiros, sobre nós!»

Assim clama o Rabbi. Mas um desgosto
varou o Povo, então, que ia em magote:
É que a Plebe sentiu queimar-lhe o rosto
— o sangue que vendeu o Karioth!

A INSCRIPÇÃO DE MORTE

Mau grado aos Anciãos e aos Phariseus,
o Pretor sobre a cruz escreve assim:
«JESUS DE NAZARETH, REI DOS JUDEUS»
Ora isto em grego, hebraico, e no latim.

Dispersas pelo pó, o Olvido some
estas trez linguas mortas dos imperios!
emquanto que floresce, eterno, o nome
— d'esse virgem Jesus com olhos sérios.

NO CALVARIO

Maria, com seus olhos magoados,
céos espirituaes, lavava em pranto
as largas chagas de Jesus, emquanto
ria ao pé um dos trez Crucificados.

Semblantes de mulher mortificados
escondiam a dôr no casto manto.
Uma mulher de Hennon chorava a um canto.
Jogavam sobre a tunica os soldados.

Martha, os pingos de sangue, alva açucena,
dir-se-hia no bom seio recolhel-os.
Alguns riam, brutaes, d'aquella pena.

Salomé tinha um mar nos olhos bellos.
João fitava a Cruz. — Mas Magdalena
limpava a Christo os pés com seus cabellos.

A ESPONJA DE FEL

Em frente da agonia do Rabbi,
vão meneando a fronte os Anciãos,
com chascos, com desdens, erguendo as mãos:
— «Salvou os mais, e não se salva a si!»

O mau ladrão o mofa. Os legionarios,
sentinellas romanas, Sacerdotes,
todos sobem o monte, e vis dichotes
lançam ao Rei dos virgens solitarios.

Contemplando, da Cruz, Jerusalem,
os céos, o mar, com olhos já sem brilho,
o Rabbi diz a João: «Eis tua Mãe!»
e diz á Mãe: — «Mulher! eis o teu filho!»

Mas tem sêde o Rabbi. Um mais cruel
uma esponja em caniço ponteagudo
toda em fel ensopou. — Ora, este fel
amarga mais ao Mestre do que tudo.

— É que esses homens de paixões, de vicios,
em todo o fel da inveja contra os sabios,
inundaram a esponja dos supplicios
E o Rabbi n'esse fel molhou os labios !

O ROUXINOL DO CALVARIO

Na noite que passou
o Christo, no Calvario,
um rouxinol cantou
sobre a Cruz, solitario.

Os trigueiros soldados,
e os lirios de Salem,
perguntavam, pasmados:
— que voz canta tão bem?

Como sentindo os males
das suas proprias penas,
vergavam-se nos calix
chorando, as açucenas.

Choravam os caminhos,
os dados, os cilicios,
a grinalda de espinhos,
e a esponja dos supplicios.

Choravam os sem luz,
e os rijos peitos bravos.
Começavam na cruz
a vacillar os cravos.

Pelo tranquillo espaço,
paravam as estrellas,
e o vagaroso passo
as mudas sentinellas.

Os peitos deshumanos
resentiam mudanças.
Deixavam os romanos
escorregar as lanças.

Assim cantou... cantou...
lembrando o Amor, o Céo.
Quando Jesus morreu,
do lenho, emfim, voou!...

TREVAS

Rasgou-se o véo do Templo de alto a baixo,
Cortou o vento o ar como um açoute.
Rugiram os leões, e o eterno facho
do dia se eclipsou.— E fez-se a Noute.

Fenderam-se os rochedos, com ruidos.
Um singular terror gelou os ossos
dos legionarios tragicos, vencidos
da confusão, do espanto, e dos destroços.

Ó morto surge e mais o seu sudario,
trazendo o assombro do final segredo.
O povo da Judea do santuario
foi-se esconder na treva, — e teve medo.

As violetas murcharam sobre a haste.
E uma voz singular, lugubre, extranha,
soluçou pela tragica montanha:
— *« Meu Pai! Meu Pai! porque me abandonaste? »*

O ULTIMO GOLPE DE LANÇA

Quando elle emfim morrendo, elle, o cordeiro,
rola mansa no ar calado e immundo,
pendeu, bem como um lirio moribundo,
sobre a haste do tragico madeiro...

quando lançando o espirito profundo
ao reino bello, grande, verdadeiro,
cahiu emfim chagado, justiceiro,
ainda, ainda perdoando ao mundo...

um soldado romano vendo-o exposto,
e já morto na Cruz, livido o rosto,
com um golpe de lança o trespassou.

Sahiu d'aquella chaga sangue e agua:
—Sangue que inda quiz dar a tanta mágua.
—Agua de pranto ainda que chorou!

JOSÉ DE ARIMATHEA

Assim que se espalhou pela Judéa
ter morrido o Rabbi, ás mãos de ingratos,
correu logo José de Arimathea
pedir o seu cadaver a Pilatos.

Involveu o seu corpo combalido
n'um lençol de uma teia delicada,
e lançou-o, depois de o haver ungido,
n'uma tumba, no Golgotha, lavrada.

Trouxe aloés e o balsamo mais fino,
com que lhe ungiu a carne já transida.
Trez vezes, pois, seu corpo crystallino
foi ungido de balsamos na vida!

Uma foi no Presepio, n'essa scena
que do frio e nudez tocava o cumulo.
Outra, em Bethania, ás mãos de Magdalena.
E a terceira e a final sobre o seu tumulo!

SURREXIT, NON EST HIC

(Resuscitou. Não está aqui)

Inda é alta manhã. Eis Magdalena
vem ao esquife do Christo para orar.
Mas não acha o Rabbi, e então, de pena,
dá largas a um funebre chorar.

Eis dois homens de veste resplendente
lhe dizem: «Quem buscais?» — «Busco a Rabbi!»
— Christo, filho do Deus, Uno, e vivente,
resuscitou, mulher! Não está aqui!

Magdalena olha atraz. Eis vê surgido
Jesus, aos pés cahidos os lençoes,
tendo um lume no olhar desconhecido,
tendo na fronte a radiação dos soes.

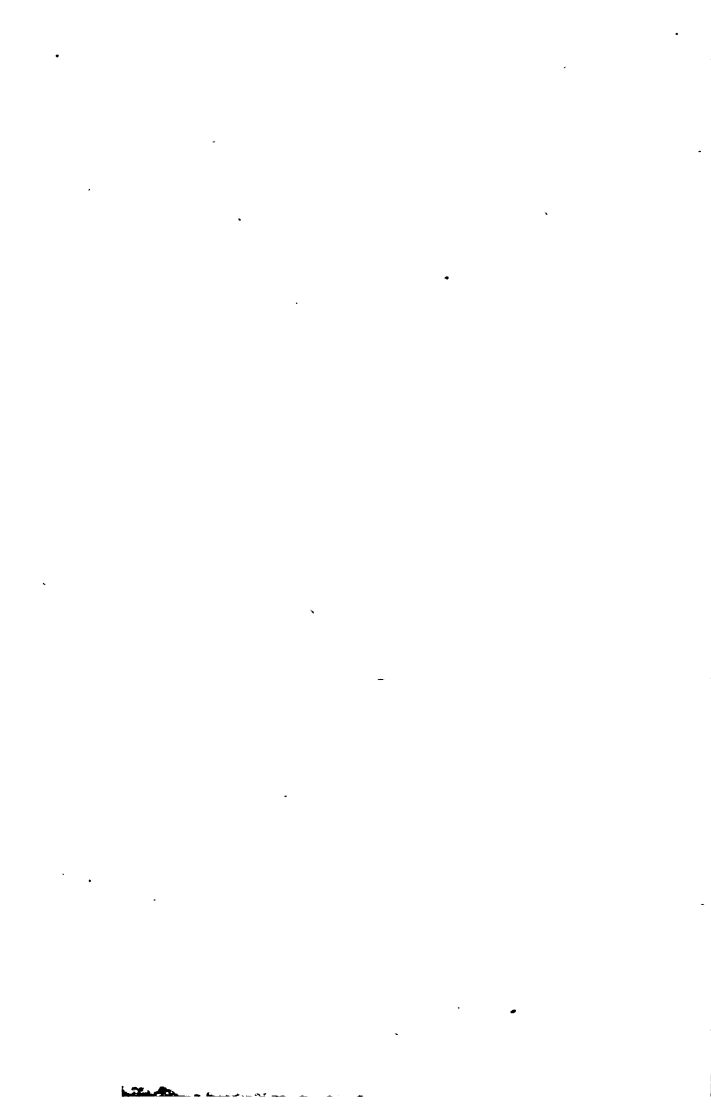
Era o Christo do esquife levantado!
Era o Rei dos humildes, dos escravos,
trespassadas as mãos inda dos cravos,
aberta a chaga do direito lado!

É Christo, embalsamado de aloés
trazendo ainda as chagas lancinantes!
Magdalena, com prantos triumphantes
de goso inunda seus chagados pés.

« Ide, diz-lhe o Rabbi — bradai aos meus
que me viste do esquife resurgido,
que vou reinar nos estrellados céos,
que sou o *Rei dos Mortos,* não vencido!

Dize-lhe que escutaste o Christo forte,
de quem o pó dos pés são soes eternos,
que luctei, corpo a corpo, com a Morte,
e vou julgar as Trevas e os Infernos! »

A espalhar pelos Doze a boa nova
Magdalena correu, cheia de fé.
Todos crêram, chorando. Eis que Thomé
bradou que só creria vendo a prova.

Mas, então, quando a nova, em voz soturna,
se espalhou de Sião até Bethlem,
soprando a sua lampada nocturna,
— na treva se escondeu Jerusalem.

PRIMEIRO ENCONTRO DO CHRISTO

COM O TUMULO (4)

(A João de Deus)

N'aquelle tempo, andava o Christo pelo mundo;
Do corpo da possessa havia expulso o Immundo,
Aos cegos déra a vista e sarára os leprosos;
Mandavam-n'o espreitar os padres, rancorosos.
Quando elle ia uma vez para Jerusalem,
Em Bethánia morreu Lázaro, homem de bem.
Eram suas irmãs Maria e Martha; aquella
Foi a que, derramando a essencia pura e bella
De nardo, ungiu os pés de Jesus Christo um dia.
Ora, elle amava a Martha, a Lázaro e a Maria.

« Lázaro falleceu » lhe disse alguem.

Passou-se
Um dia; e como o povo ao seu caminho fosse,
Elle explicava a lei e os symbolos, em fábulas;
Como Elias e Job, falava por parábolas.
Dizia: « Quem me segue, ao anjo é semelhante.
Se marcha um dia inteiro ao sol um caminhante
Atravez de um sertão sem agua e sem pousada,
Em vindo a noite cae de inanição na estrada,
Se o não ampara a fé, chorando e sem alento;
Mas póde recobrar as forças n'um momento,
Erguer-se e proseguir, se orar, se crêr no Christo. »
E aos discipulos disse, interrompendo-se, isto:
« Lázaro dorme: eu vou erguer o nosso amigo. »
E elles disseram: « Mestre, iremos nós comtigo. »
Quinze estádios percorre, ou pouco menos, quem
De Bethánia caminha até Jerusalem.
Jesus partiu. Andava adeante e pensativo;
Muitas vezes, na estrada, um scintillante e vivo
Fulgor lhe illuminava a túnica de linho.

Quando Jesus chegou, sahíu Martha ao caminho,
E, cahindo a seus pés, bradou-lhe com transporte:

«Se estivesses aqui, não o prostrava a morte.»
E, a chorar, ajuntou: «Chegas tarde, Senhor!»
«Que sabes tu, mulher?— lhe disse o Redemptor
O ceifeiro, sómente é dono da seára.»

Maria, em sua casa, entretanto ficára.

Martha disse-lhe: «Vem, o Mestre quer-te vêr.»
Foi. Disse-lhe Jesus: «Porque choras, mulher?»
E ella, a seus pés, clamou: «Só tu, Senhor, és forte!
Se estivesses aqui, não o prostrava a morte.»
«Quem me segue é feliz, — lhe disse então Jesus.
Teu irmão viverá. Eu sou a vida e a luz.
Quem crê em mim, resurge e vive eternamente.»
E estava alli Thomaz, o Didymo, presente.
Seguiam Christo, Pedro e João, com disvelo.
Jesus disse aos judeus que tinham ido vêl-o:
«Onde o puzestes vós?— A sepultura é esta,»
Disse a turba mostrando, ao pé de uma floresta,
Um sepulcro que estava áquem de uma torrente.

Então chorou Jesus.

Vendo isto aquella gente,
Começou a bradar: «Vêde como era intensa

A affeição que lhe tinha! Ao cégo de nascença
Dizem que deu a vista: ora, se fosse Deus,
Deixaria morrer assim amigos seus?»

Martha levou Jesus áquelle ermo silvestre
Onde estava o sepulcro, e alli lhe disse: «Mestre!
Sei que és o Christo, e sempre eu cri no que dizias;
Mas elle já morreu, Senhor, ha quatro dias.»

Disse Jesus: «Mulher, se crês, os olhos teus
Vão aqui vêr a gloria infinita de Deus.»
Sobre o sepulcro estava, a servir-lhe de tampa,
Uma pedra; Jesus mandou abrir a campa.

Pôde então vêr-se o morto envolto no sudario,
Qual sacco de dobrões que enterra um usurario.
E, erguendo a vista ao céo, Jesus, como quem óra,
«Lázaro! — em alta voz bradou — sáe para fóra.»

E o que estivera morto, ergueu-se então depressa;
Tinha atados os pés e um lenço na cabeça;
Levantado, encostou-se ao muro tumular.
Disse Jesus: «Soltae-lhe os nós, deixae-o andar.»

Vendo isto a multidão, creu logo no Messías.

Ora, os padres, conforme as santas prophecías,
Foram cheios de medo a casa do prefeito
Romano; o que em Bethánia o Christo havia feito,
Sabiam-n'o; e, depois de bem deliberar,
Disseram: «É chegado o tempo de o matar.»

NOTAS

NOTA (1) Pag. 10

O retrato que existe da Virgem, feito por S. Lucas, o pintor e Evangelista, que conheceu de perto a Mãe de Jesus, representa-a, ao contrario de Raphael e de outros pintores, com os traços do povo semitico, morena e de cabellos castanhos.

NOTA (2) Pag. 55

Vulgarmente todas as traducções portuguezas da Biblia trazem *Iscariotes;* mas no rigor deve-se escrever Karioth, que é uma povoação da Judéa, na tribu de Ephraim, ao Este de Samaria, d'onde era natural Judas.

NOTA (3) Pag. 57

Rabbi significa Mestre, em hebraico.

NOTA (4) Pag. 119

Tendo Victor Hugo tratado na *Légende des Siècles* o bello assumpto da *Resurreição de Lazaro,* damos cabida aqui á esplendida traducção que d'esta fez Fernando Leal, na sua inimitavel versão dos versos mais salientes do grande poeta.

INDICE